

OUTRAS CORRENTEZAS: PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA COMO ESPAÇO DE FORMA(CRIA)ÇÃO

OTHER CURRENTS: (AUTO)BIOGRAPHICAL RESEARCH AS A SPACE FOR FORMA(CREA)TION

Marília Frade Martins*
Silvia Nogueira Chaves**

RESUMO

Este ensaio navega por desvios e devires na pesquisa (auto)biográfica, mapeando como esta pode ser uma abertura, um território para a produção de modos de vida na pesquisa em educação em ciências e na formação de professores. Trata-se de uma experimentação metodológica para escapar das costuras da história baseada na memória reminiscência, decompor verdades e jogar com as relações de poder por meio de uma atenção para consigo mesmo. Assim, traçamos desvios da história antiquário para dar atenção a história genealógica, desviamos do eu como essência identitária fixa para criar variações do si mesmo. Abandonamos a busca por verdades absolutas a fim de abrir espaços de possibilidades outras para pensar sobre como fazer pesquisas (auto)biográficas que são invenções de si e não inventários do eu.

Palavras-chave: Cuidado de si. Ética. Formação docente. Saber-poder.

ABSTRACT

This essay navigates through deviations and devires in (auto)biographical research, mapping how this can be an opening, a territory for the production of ways of life in research in science education and teacher training. It is a methodological experiment to escape from the seams of history based on reminiscence memory, also decompose truths and play with power relations through attention to oneself. We trace deviations from antiquarian history to pay attention to genealogical history, trace deviations from the self as a fixed identity essence to create variations of oneself and stop to the search for absolute truths to open spaces of possibilities to think about how to carry out (auto)biographical research which are inventions of the self and not inventories of the self.

Keywords: Oneself care. Ethic. Knowledge-power. Teacher training.

* Mestre em Educação em Ciências, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil. E-mail: mariliafm87@gmail.com ORCID:

** Doutora em Educação, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil. E-mail: schaves@ufpa.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9771-4610>



1 ALUVIÃO

Os rios quando nascem são pequenos olhos d'águas. Crescem agregando, se deixando inundar por outras águas. Bifurcam, desviam, enchem, vazam, invadem e desaguam para nascerem outros, em volumosas e salgadas águas. Vidas são rios: brotam, (re)criam territórios, espalham sementes, deixam rastros, secam, multiplicam-se e morrem germinando outras existências. É a pulsão de fluir, agregar, desviar, e não o destino, que enseja os percursos e encontros fluviais que não estão dados na partida. São correntezas transitórias, fluidas, mutáveis que impelem a pisar fundo na maré cheia e arrastar os pés com mansidão, quando a maré seca. Seguir o fluxo, eis a experiência vital!

Fruir vidas por meio de pesquisas (auto)biográficas em educação em ciências têm sido nossa estratégia para formação de professores. No lugar onde estamos, tal fruição é rio: não antecipa ou justifica percursos, não desvenda o oculto. Longe de uma hermenêutica a escritura de vida, na qual investimos, não se ocupa com verdades, não julga nem absolve condutas a partir de uma moral, não tem compromisso com o passado, tampouco projeta futuros. Mas, pode ser uma abertura para criar o presente.

Sabemos que esta não é a maneira mais usual de se considerar a pesquisa (auto)biográfica, pois nem sempre foi a nossa também. Aberturas e desvios em nossas trajetórias acadêmicas vazaram ideias e outras vieram nos habitar. No início foi água de aluvião arrastando e destruindo singelas certezas, arrebatando os confortáveis leitos nas margens dos quais cresciam verdejantes verdades. Águas turvas e paradas marcaram um tempo de infertilidade e incredulidade.

Mas, é como dissemos no início, o sentido dos rios e da vida é fluir. Seguimos nos deixando atravessar pelas águas novas que nos inundaram e, assim, no encharcamos das palavras de Michel Foucault, Nietzsche, Deleuze e tantos outros filósofos, poetas, cientistas que afirmam a vida como criação e a escrita como experiência aberta ao devir.

Assim, esse texto fala de desvios e de devires na pesquisa (auto)biográfica. Pretende torcer a (auto)biografia em uma abertura, um território para a produção de modos de vida, uma *heterotopia* (Foucault, 2013) na pesquisa em educação em ciências e na formação de professores.

E, como todo espaço que se faz heterotópico, será construído em contestação do que se diz real e verdadeiro. Uma contestação que não pretende se pôr no lugar da verdade, como proposta substitutiva, mas que funciona como um esticador de horizontes, à moda manoesca¹, que no esgarçamento da superfície permite a insurgência de outros espaços e modos de viver.

Isto quer dizer que, nos deslocamos da perspectiva (auto)biográfica crítica que entende ser por meio da reconstrução de um passado -supostamente vivido - que um sujeito se (auto)constitui. Traduzida por narrativas de episódios ditos marcantes; diante da propalada realidade familiar, socioeconômica e cultural, esta visão da pesquisa se pretende um alinhavo de fragmentos de memórias dispersos que possibilita ao sujeito dizer supostas verdades sobre si mesmo, atribuindo sentidos de destino à sua história de vida (Gonçalves, 2013), produzindo conhecimento sobre e para a (auto)formação de professores.

A pesquisa (auto)biográfica que fazemos é, ao avesso, uma metodologia de desvios para escapar das costuras da história baseada na memória reminiscência e nos dias acumulados em anos vividos (Chaves, 2013). Nossa experimentação metodológica consiste em, por meio de uma atenção para consigo mesmo (Foucault, 2010), decompor verdades e jogar com as relações de poder.

Dessa forma, ocupadas de nós mesmas, experimentamos com os encontros dos corpos e sentimos os tremores inventivos de fluxos, histórias e subjetividades. Investimos em experimentar “uma didática da invenção”, percorrer outras racionalidades e “olhar as coisas de azul” (Barros, 2013 p. 277-278) para pensar sobre como fazer pesquisas (auto)biográficas que são invenções de si e não inventários do eu.

2 ENTRE NASCENTES E MARGENS

A história é vista como a nascente de um rio. Como se ela guardasse o nascedouro das coisas, a aurora dos tempos. Como se fosse o elo que assegura os nexos por onde passam a coerência que remonta a origem. Ah, a história! Temente à impureza das alvoradas e afastada

¹ Alusão à tipologia poética de Manoel de Barros.



da própria vontade de potência. Nos fez crer em continuidades, em fatos reais, em um olhar soberano sobre a vida.

(Auto)biografias críticas estão visceralmente amarradas à noção de história com a qual escrevem sobre a vida. Trata-se do que Nietzsche (2009) chamou de história antiquário, que coleciona objetos, separa-os e os organiza inferindo coesão ao passado. É uma forma de escrever a vida que tatua no corpo aquilo que não deve ser esquecido: a memória de uma suposta origem. Assim, esta noção de história compara as tatuagens da vida, valorando situações e sujeitos.

As (auto)biografias escritas a partir da noção de história antiquário são percursos feitos de reminiscências. Não só do acúmulo de situações vividas, mas daquilo que se interpretou sobre elas. São pesquisas que não conferem um saber perspectivo à história e trabalham com a noção de que na dita realidade jazem: as verdades, os fatos e as causas do que somos - como se houvesse apenas uma história possível a ser contada.

Consequência, causalidade, continuidade são noções da história antiquário que possibilitam a costura da consciência sobre quem, supostamente, se é. A pesquisa (auto)biográfica, que se propõe escrever sobre toda a história da vida, ordena, exclui e reflete sobre lembranças por meio de valores como certo e errado, bom e ruim, conferindo memória e sentido de unidade ao que se viveu.

A escritura de uma vida é o contrário de escrever sobre a vida toda e requer um trabalho genealógico da história. Isto é, gestar sentidos e recriá-los. A escritura de uma vida produz conexões e parentescos que não estavam dados na memória. Ao desviar-se das continuidades, a história genealógica quer abrir fluxos que alternem e alterem passado e presente sem reduzi-los a um modelo geral e progressivo de coerência e consciência que reflete e antecipa a vida. Escrever uma vida requer considerar a história motor e não descritor e a escritura como processo de parir-se ao invés de contar-se.

Dessa forma, fazer pesquisa (auto)biográfica com a perspectiva da história genealógica é tratar de inúmeros começos, quebras e mortes de uma vida. É, de certa forma, desobedecer ao saber-poder que instituiu a consciência de si como algo a ser aprendido durante uma pesquisa-formação. É escrever o acontecimento como devir, passando por seus componentes e singularidades (Deleuze, 2000) e dizer algo diferente sobre si mesmo. E o diz, não para instaurar outra verdade sobre si, mas para se imbricar com a vida enquanto instância criadora.

Tomar a história na perspectiva genealógica é desviar-se das margens que delimitam o curso de uma vida e levá-la para outras coordenadas geográficas. Territórios de uma pesquisa (auto)biográfica pós-crítica, nos quais a formação se desenha no processo de experimentação, onde não se constitui uma rota pensada do passado para guiar o futuro, mas se navega desenhando mapas, criando mundos.

Nesse sentido, a pesquisa (auto)biográfica não se ocupa em afirmar um pretense eu, mas em produzir subjetividades móveis e moventes que diferem permanentemente de si.

3 GENTE-PEIXE

“Quem sou eu?” é uma das questões mais antigas da história do conhecimento ocidental. Houve diferentes investimentos, dos gregos aos modernos, para que fôssemos capazes de dizer quem somos, o que daria coerência a nossa existência. Ademais, hoje, responder àquela questão é tido como comprovação de que há uma razão/consciência apta a ver-se, narrar-se, julgar-se – como não há em nenhum outro ser vivente. Decifrar motivações; avaliar condutas e confessar ditos erros, eis nossa humanidade!

Nas pesquisas (auto)biográficas em educação temos respondido à pergunta sobre quem somos, especialmente, recorrendo a afirmação de identidades culturais, algumas vezes, de forma essencialista. Fundamentamos o eu nas propaladas verdades atribuídas às funções sociais das identidades (de gênero, de classe, de raça, de profissão) ao ponto de não imaginar modos de viver que não sejam correspondentes à conduta dita correta/verdadeira do eu-identitário.

No entanto, pensamos com Foucault (2012) que a identidade é um lugar de sujeito vazio, produzido pelos discursos que estabelecem verdades e disciplinas ao corpo. Dito de outro modo, entendemos o eu-identitário como um artifício da linguagem e das relações de saber-poder que, na história e na cultura, instituíram os supostos “verdadeiro” e “real”, sobre os corpos e a vida, que nos servem de referência para dizer quem somos. Questionar as verdades sobre as identidades que nos designaram, tomando-as num sobressalto de contingência, profanando seus estatutos de condutas e as posicionando no lugar de produção é uma forma de desviar da autobiografia-destino (Gonçalves, 2013).



Outra forma de questionar, é torcer a questão “Quem sou eu?”, partindo do pressuposto que o eu entendido em (auto)biografias-destino, como a essência racional que confere unidade de sentido, é uma ficção. A noção do eu-ficção é possibilitada se trouxermos o corpo para o centro da questão. Não apenas como a matéria onde a linguagem produz e inscreve, mas como o próprio ser/si mesmo que em multiplicidades de impulsos, pulsões, instintos se sobrepõem à razão/consciência (Costa, 2011).

Nesta perspectiva, o dito eu que domina o corpo e unifica multiplicidades, dando sentido a própria vida, é uma ficção. É um enredo criado pelas verdades discursivas para dar conta do radical incompreensível da vida. Isto é, para nós, não há uma entidade fixa soberana que comanda o corpo e diz quem é. É possível criar outras formas para si. Formas moventes produzidas em processos de escrituras feitas com as paixões que atravessam o corpo, mapeando singularidades que traçam as multiplicidades dos instintos e pulsões, experimentando corpo em devir. Escrituras de (auto)biografias-derivadas (Gonçalves, 2013) que não estão flutuando ao sabor das marés e exigem atenção e cuidado. Uma atenção, que nos fala Larrosa (2015), em pausar e olhar o mundo com aberturas necessárias para que algo nos atravessasse e nos aconteça. Um cuidado inspirado nos privilegiados gregos antigos que, por meio de ascetes físicas, verbais, escritas estabeleciam relações consigo, nas quais a referência era si mesmo (Foucault, 2010).

Atenção e cuidado de si como estratégia metodológica para ocupar os espaços vazios da linguagem, onde é possível inventar palavras, coisas, eu. Uma estratégia ética e estética de (auto)biografar-se que tem mais a ver com estar atento e investir no corpo do que examinar e confessar um suposto passado que não passa. É uma metodologia para ser flor e saber o exato tempo de florescer e morrer sem apego à abelha ou à primavera que encontrou. Uma metodologia de cardume que abre rotas fluviais e migra quilômetros de distâncias sem mapas, a priori.

Escrituras de vidas que são (auto)ficções para transfigurar o suposto eu através da experimentação com corpos humanos e inumanos. Escrituras que instauram vidas em movimento de gente-peixe, gente-flor, gente-pássaro, gente-vírus. Gente inventora de si mesmo. Que sempre muda de forma, de fluxo, de volume, de densidade para pesquisar, estudar, ler, escrever e formar professores para além de uma identidade e traçar aprendizagens outras na educação.

4 UMA IMAGEM DE VIDRO MOLE

Ao nos propomos fluir num movimento pós-crítico na pesquisa (auto)biográfica, assumimos como pressupostos que a verdade não é fruto apenas de uma suposta realidade material, mas do saber que definiu procedimentos e do poder que disciplinou corpos/comportamentos, circunscrevendo um campo de conhecimentos tidos como verdadeiros sobre a formação de professores.

As questões que colocamos dizem respeito, especialmente, aos efeitos de verdade sobre currículos e identidades docentes. Ademais, descrevemos condições de possibilidades de existirem determinados objetos e analisamos alguns destes para fazer histórias sobre as descontinuidades e relações de saber-poder que produziram verdades sobre como formar professores de ciências ou sobre como professores se autoformam.

Concordamos que “a verdade e seu reino originário tiveram sua história na história” (Foucault, p.19, 2008) e desviamos da interpretação das intenções e de suas consequências para a formação. Datamos historicamente e localizamos culturalmente saberes que se colocam em posição de neutralidade, tendenciando a universalizações de condutas, problemáticas e respostas.

Assim, sacrificamos ditas verdades que supostamente transcendem os objetos da formação de professores. Não há currículos que assegurem a propalada eficiência profissional dos que passarão por ele. Não há metodologias para fazer todos os alunos aprenderem o que se ensinou. Não há um caminho único para se formar e agir como professor. Sacrificamos generalizações e universalizações para, por fim, sacrificar o professor como sujeito do conhecimento: aquele que descobriu a verdade, a entendeu, compreendeu e conscientizou a si mesmo e aos outros.

Neste sentindo, podemos dizer que fazemos pesquisas (auto)desbiográficas (Chaves, 2017) que incitam a desconfiança e o desvio da história que ganhou status de verdadeira realidade sobre nós. Uma possibilidade de fazer pesquisas em educação, nas quais o sujeito e o objeto não estão fundidos, nem separados, mas em jogos de alternância e atenção às relações de saber-poder que os produziram em diferentes tempos históricos.

Apostamos neste modo de fazer pesquisa como uma atitude crítica e política de imbricação com a produção de verdades e realidades. Primeiro, para não nos tornamos reféns



de definições e adequações sobre como devem ser e agir professores no exercício da função e formação. Depois, para nos tornamos parideiras de ideias, procedimentos, possibilidades de resistência às lógicas utilitaristas e neoliberais que traçam condições de possibilidade, hoje, para a educação.

Pesquisas (auto)biográficas de desmonte do (*auto*) como prefixo que designa atitudes de reflexão para consigo mesmo. Não queremos o espelhamento de verdades propagadas na produção de quem somos, mas possíveis conexões e variações de si para ser/pensar diferente do que se é. Pesquisas que não recorrem a *bio* como essência e explicação máxima sobre a vida e pulverizam as interseções que fazem *grafias* errantes, dançantes, nômades com outros seres viventes e com o mundo.

Fazer pesquisa como forma de participar do jogo das nomeações pela linguagem e criar possibilidades de enseadas serem imagens de vidro mole², borrando a dita realidade. Fazer pesquisa para serem rios de cobras grandes, serpenteando caminhos encantados, por onde chegam e partem loucos e poetas em busca de metáforas e heterotopias, que deem conta de fabular a vida e a formação de professores na educação em ciências. Fazer pesquisa como experimentação de linguagens que é ato de criação.

5 OUTRAS CORRENTEZAS

A importância da pesquisa (auto)biográfica crítica para a formação de professores tem comprovação científica e didática. Sabemos que, as inúmeras dissertações e teses que a utilizam como referencial teórico e metodológico, tanto quanto os eventos, revistas e associações, mostram que é crescente o interesse de professores se apropriarem dos processos formativos pelos quais são subjetivados e subjetivam outros.

Ademais, é conhecido que no Brasil, no início da década de 90, o professor era visto como um técnico e especialista, passando por uma formação entendida como demasiadamente propedêutica e distante da dita realidade das escolas e do trabalho. Neste aspecto, a pesquisa (auto)biográfica crítica contribuiu para a formação do chamado professor reflexivo, profissional concatenado com a prática politizada; estudioso de teorias e produtor de saberes, além de

² Alusão ao poema “Uma didática da invenção”, de Manoel de Barros (2013)

lembrar o óbvio: professor é antes uma pessoa com questões próprias que estarão presentes no fazer pedagógico.

Nesta perspectiva, o professor se constitui a partir do saber da matéria a ser ensinada, do saber pedagógicos e do saber elaborado diante da dita realidade da sala de aula/escola. Também, reconhecendo as motivações da escolha do curso, os exemplos marcantes de outros professores e os episódios que confirmaram o destino profissional, os professores constroem os percursos que, supostamente, o colocam ao alcance do conhecimento de si mesmo e da dita realidade da profissão.

Estas são maresias que arrastam produções acadêmicas e políticas públicas sobre formações de professores pela via do conhecimento de si. Tal qual os gregos platônicos, os modernos e os cristãos, são currículos que se destinam ao conhecimento/saber a fim de alcançarem a verdade (Foucault, 2010) sobre/como supostamente se forma professores.

É, deste ponto, que traçamos algumas hidrografias de correntezas que fluem a pesquisa (auto)biográfica em educação também pela via do cuidado de si. Pensamos com os filósofos da diferença que estudar, pesquisar e utilizar formas de cuidar de si na formação de professores exige desvios e torções. Assim, traçamos desvios da história antiquário para dar atenção a história genealógica, desviamos do eu-essência-identitária-fixa para criar variações do si mesmo e abandonamos a busca por verdades absolutas para abrir espaços que instauram possibilidades outras dentro de espaços existentes.

Isto porque, entendemos que cuidar de si é uma atenção ao corpo, enquanto tudo que se é, no encontro com os jogos de saber-poder e com outros corpos. É também um princípio ético para não se submeter a julgamentos morais que nos dizem como nós e os outros devem viver, apagando possibilidades de experimentações do que pode vir a ser.

Cuidar de si é estar atento aos movimentos e encontros ofertados pelos fluxos, pelas marés, sem jamais pretender dominar o que neles acontece, é permitir-se explorar outras latitudes ampliando repertórios. Essa imagem pode animar a formação de professores a fluir para além das terras altas do campo da cognição, liberando-a para pensar a docência como arte, inédita, sempre outra, de encontros que não se repetem, mas inspiram outros possíveis.

Formações de professores que utilizam o cuidado de si como estratégia de constituição ética podem abrir fluxos de criação na educação em ciências. Não porque o conhecimento de si



não seja interessante para os professores, mas porque é apenas um dos pontos de partida para inventar a si mesmo e promover convívios fluviais com outros seres.

Assim, apostamos em fazer pesquisa (auto)biográfica a bordo do cuidado de si como um modo de se ver enquanto uma obra de arte, um projeto a ser inventado, pensado, experimentado durante a vida - e não só para a finalização de um curso. Um modo de realizar processos de formação em movimento, impermanentes, incertos, cheios de quebras e (re)começos. Processos que lidam com a multiplicidade e alargam horizontes (Barros, 2013) sobre como formam-se professores corajosos de proferir uma verdade sobre si mesmo. Jamais como confissão do oculto, mas como aposta em um modo de viver singular na educação em ciências.

Desse modo, a pesquisa (auto)biográfica pós-crítica, que tem como preceito ético o cuidado de si na formação, experimenta como pode criar pequenas insurreições na rotina burocrática e apática das escolas. Como fazer movimentos, ainda que minúsculos, de composição com saberes que não estão na ordem discursiva dos currículos. Como se rebelar contra o que machuca, sufoca, condena e apaga pessoas e mundos dentro e fora das escolas.

Enfim, cuidar de si mesmo para dar a pesquisa (auto)biográfica status de escritura de vida: um instrumento de fazer parir modos de vida sem identidade, sem referência e padrão. Para criar heterotopias e fazer aparecer nas linguagens seus modos de criação do real e do verdadeiro. Para dar à educação estados de infância que sem a bagagem da memória pode conviver aberta e curiosa com os conhecimentos e pessoas e plantas e animais e...

REFERÊNCIAS

BARROS, M. **Poesia completa**, São Paulo: LeYa, 2013.

CHAVES, S. **Reencantar a ciência, reinventar a docência**. São Paulo. Editora Livraria da Física, 2013.

CHAVES, S. Memória e invenção. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.35, n.70, p.161-169, 2017.

COSTA, G. B. N. O que pode o eu. A criação de si e a redenção dos acasos. In: DIAS, R; VANDELEI, S; BARROS **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro Mauad X: FAPERJ.

DELEUZE, G. **Conversações**. 1ª ed. São Paulo. Editora 34, 2000.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). 3 ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de setembro de 1970. 24 ed. São Paulo. Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GONÇALVES, J.F.G. **Biografemática e formação**: fragmentos de uma escrita de vida. Tese. Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciências da Educação. Programa de pós-graduação em Educação, 2013.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre a experiência. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COMO CITAR - ABNT

MARTINS, Marília Frade; CHAVES, Sílvia Nogueira. Outras correntezas: pesquisa (auto)biográfica como espaço de forma(cria)ção. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 23, n. 37, e24020, jan./jul., 2024. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v23.n37.3756>

COMO CITAR - APA

Martins, M. F.; Chaves, S. N. (2024). Outras correntezas: pesquisa (auto)biográfica como espaço de forma(cria)ção. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 23(37), e24020. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v23.n37.3756>

LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* ([CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



HISTÓRICO

Submetido: 01 de março de 2024.

Aprovado: 27 de maio de 2024.

Publicado: 01 de julho de 2024.
